

**6º Seminário Unificado de Imprensa Sindical  
&  
4º Encontro Nacional de Jornalistas Sindicais**

**Relatório de participação**

A Assessoria de Comunicação (Ascom) do SINASEFE participou do 6º Seminário Unificado de Imprensa Sindical e do 4º Encontro Nacional de Jornalistas Sindicais, realizados em Salvador-BA, nos dias 31 de maio e 1º de junho. Além dos profissionais (Mário e Monalisa), participaram os dirigentes Lucrecia Helena e Michel Torres, da pasta de Comunicação do sindicato. As seções sindicais do SINASEFE também enviaram profissionais e dirigentes para esta atividade, somando uma delegação total de 28 pessoas ligadas ao sindicato nacional e suas respectivas seções. Este coletivo aprovou uma carta, anexa ao final deste relatório.

Segue abaixo resumo das atividades, sugestões para o Sinasefe e cartas aprovadas:

**DIA 31/05 (QUINTA-FEIRA)**

**Saudação da organização / abertura**

A abertura do evento teve a participação da equipe organizadora, com um dos profissionais ligados ao Sinasefe, Luciano Faria, que atua no Sinasefe IFSC há mais de 10 anos. Além de apresentar um breve histórico do evento, ele destacou o caráter unificado, plural e de itinerância do evento, que está percorrendo o país. Também pela organização do seminário, Murilo Bereta denunciou as crescentes demissões de jornalistas e demais profissionais de comunicação que trabalham em sindicatos, ressaltando a prioridade da filiação destes profissionais em seus respectivos sindicatos.

**Mesa 1: “Comunicação sindical – Fortalecer para o enfrentamento aos ataques do capital”**

As palestras foram ministradas por **Cláudia Giannotti** (Coordenadora do Núcleo Piratininga de Comunicação – NPC), **Kardé Mourão** (Ex-presidenta do Sinjorba e ex-diretora Fenaj) e **Rita Casaro** (Membro do Centro de Estudos da Mídia Alternativa Barão de Itararé). A mesa foi mediada pela jornalista Renata Maffezoli (SJPDF).

**Cláudia Giannotti** detalhou que uma comunicação sindical que se queira eficaz deve ser profissionalizada e com muito envolvimento da base e da direção. Para isso, em sua visão, é necessário expandir o conteúdo e sair das pautas internas do sindicato, para que a mensagem atinja um número maior de receptores e “rompa a bolha” de influência do veículo informativo.

Uma comunicação sindical que só defende o interesse da própria corporação está destinada a apenas falar para guetos, por isso ela trata como tarefa primordial o enfrentamento ao corporativismo dentro da imprensa dos sindicatos.

Cláudia ressaltou a importância de uma experiência lançada no último Fórum Social Mundial, realizado no mês de março deste ano em Salvador-BA, que é a da Teia de Comunicação Popular, análoga à Plataforma Vamos.

Em sua palestra, ela ainda frisou que:

- A imprensa sindical refletirá a concepção de cada sindicato;

- É necessário perceber as mudanças na composição da classe trabalhadora para modelar uma nova forma de se comunicar com os trabalhadores: os sindicatos que quiserem ser respeitados pela sociedade precisam entender tais modificações e entender para quem eles são importantes;
- Os sindicatos de todas as categorias devem investir seus esforços de comunicação na busca da mobilização dos trabalhadores autônomos e mais precarizados, já que como entidades classistas eles devem servir para “organizar a vida” da classe trabalhadora.

**Rita Casaro** falou que a imprensa sindical é anterior à “GloboSfera” e, também por isso, tem importância fundamental no enfrentamento contra-hegemônico à informação produzida pelos meios de comunicação de massa.

Ela alertou que os sindicatos que “não desgrudam das suas sedes” estão em divórcio com suas bases organizadas e que as demissões e faltas de recursos para as imprensas sindicais (geradas pelo fim do imposto sindical) precisam ser revertidas para que a comunicação sindical não perca sua força.

Na visão de Rita, é a imprensa do movimento sindical que deve pautar e debater o programa da classe trabalhadora para as eleições de outubro deste ano.

**Kardé Mourão**, que atua na imprensa sindical desde a década de 1980, constatou que o movimento sindical está muito reativo (em relação aos ataques que a classe trabalhadora sofre) e que precisa mudar de postura, passando a ser ativo (propor um projeto de país em antecipação aos ataques).

Ela fez uma crítica aos governos petistas, que de 2003 a 2016 não conseguiram regulamentar a comunicação no país. Além de não regulamentar, os governos do PT financiaram com verbas publicitárias a imprensa convencional e a imprensa marrom, dando alguns exemplos do que aconteceu na Bahia.

Sobre o fim do imposto sindical, Kardé afirmou que os sindicatos que estavam sem fazer luta “não tem moral” para pedir que a base volte a pagar este imposto.

E sobre o trabalho das assessorias, ela afirmou que uma das dificuldades dos profissionais é que “todo mundo quer ser assessor de imprensa”, caracterizando que dirigente sindical não é jornalista e sem uma profissionalização da comunicação nos sindicatos (e sem o devido respeito ao trabalho dos profissionais), a informação perde qualidade.

Por fim, na parte das intervenções do plenário desta mesa, a diretora do Sinasefe **Lucrecia Helena** fez uma fala ressaltando a importância da linguagem sem o sindicalês na imprensa das entidades de classe e da tranquilidade que tem que ser garantida para que os comunicadores possam trabalhar.

**Mesa 2: “A conjuntura e o papel da comunicação sindical no avanço da consciência de classes. Estamos cumprindo nossa tarefa?”**

**Alfredo Santos Jr** (Secretário de Finanças da CUT-BA), **Cláudia Costa** (Coordenadora de comunicação da CSP-Conlutas) e **Joanne Santos Mota** (assessora de imprensa da CTB). Mediador: Luciano Faria.

**Cláudia Costa** citou a experiência de comunicação da CSP-Conlutas, listando seus canais de informação existentes, o número de profissionais da equipe e divisão de atribuições entre eles.

Ela se referiu à importância de se acreditar na capacidade da classe trabalhadora, inclusive em sua capacidade de viralizar conteúdos via aplicativos e redes sociais.

Na mesma linha, **Joanne Mota** apresentou a experiência comunicacional da CTB, com uma breve apresentação de seus veículos.

Para ela, a principal função da imprensa sindical é desfazer a “desinformação plantada” junto à classe trabalhadora pela comunicação hegemônica da imprensa burguesa.

Por fim, Joanne lamentou os cortes existentes nos sindicatos, tanto pelo fim do imposto sindical quanto pela nova CLT (pós-Reforma Trabalhista).

**Alfredo Santos**, da CUT, exemplificou como o Estado Brasileiro reagiu de maneira diferente em relação às greves dos caminhoneiros e dos petroleiros: na primeira, sem influência marcante das entidades dos trabalhadores, o Estado foi paciente e brando; na segunda, organizada por sindicatos, o Estado reprimiu o movimento com mais força e brevidade.

Esse exemplo, na visão de Alfredo, mostra a força que o movimento dos trabalhadores organizados ainda possui e como o Estado o teme – o que motivou a “quebra dos sindicatos” com a retirada do imposto sindicato pela Reforma Trabalhista.

### Mesa 3: “Comunicar é preciso – O diálogo com a base e a relação entre os novos e os clássicos meios de comunicação”

**Augusto Vasconcelos** (Presidente do Sindicato dos Bancários da Bahia), **Luciana Araújo** – (Coordenadora de Comunicação do Sindicato dos Trabalhadores do Judiciário Federal no Estado de São Paulo) e **Marcelo Chamusca** (Coordenador dos cursos de Comunicação da Universidade Católica do Salvador e presidente da ALARP-Brasil).

Dividindo sua intervenção no que chamou de elementos conceituais e técnicos, **Marcelo Chamusca** pautou itens como: as características dos novos meios digitais de comunicação e algumas dicas para profissionalizar a utilização destes. Segundo ele, estas ferramentas são híbridas (ao promover a mistura de diversas linguagens), exigem presença constante e ostensiva (postagens diárias e sem deixar espaços) e devem considerar a mobilidade do usuário. Ele destacou a importância de profissionalizar o uso das lives/transmissões ao vivo, que possibilitam uma disputa com a mídia tradicional ao oferecer conteúdo audiovisual em tempo real e produzido localmente. Ainda acrescentou a relevância de divulgar e agendar estas transmissões com antecedência.

Citando Paulo Freire e Lukács, **Augusto Vasconcelos** comentou brevemente sua experiência no Sindicato dos Bancários, quando defendeu tanto as passagens e visitas no local de trabalho quanto o investimento em estrutura de comunicação sindical. Abordando o desafio de furar a bolha, ou seja, falar para além do público já conhecido dos sindicatos, ele abordou a importância de ousar e cativar as pessoas, de atraí-las, pois “o movimento sindical atua na defesa de causas nobres”. Segundo Augusto, a mudança na consciência se daria a partir da reflexão sobre: condições de vida, hábitos e rotinas e na ideologia, temas que devem ser pautados pela imprensa sindical.

**Luciana Araújo** iniciou sua intervenção questionando a concepção de sindicato que ainda predomina no Brasil. Destacando que não estamos mais na Rússia de 1917, ela chamou atenção para a velocidade de circulação das informações. Problematizando o que chamou de terceirização da culpa, ela chamou atenção para importância de analisar a relação entre dirigentes e trabalhadores e como a comunicação entre eles se estabelece. “Queremos um sindicato de luta, de organização, ou um balcão de negócios? O sentido da nossa comunicação é só publicar, ou disputar a consciência do trabalhador?” Além de apontar questionamentos, Luciana destacou a importância de realizar pesquisas constantes para “ouvir o que os trabalhadores querem”, além de tratar a comunicação com seriedade, discutindo, inclusive, o quanto se investe nesta.

#### **DIA 01/06 (SEXTA-FEIRA)**

#### **Mesa 4: “Como trabalhar a comunicação de gênero, raça e Movimentos Populares no Movimento Sindical”**

**Ângela Guimarães** (Presidenta da União de Negros pela Igualdade – UNEGRO), **Cleidiana Ramos** (Ex-jornalista A Tarde e doutora em Antropologia pela UFBA) e **Vilma Reis** (Socióloga e Ouvidora do Ministério Público da Bahia).

Com tema tão relevante e envolvente, esta foi a mesa mais longa do evento. Além das valorosas intervenções das palestrantes, os participantes tiveram espaço para fazer relatos e desabafos no âmbito da temática abordada. **Cleidiana Ramos** iniciou as intervenções da mesa, destacando elementos históricos como o monopólio da mídia por parte da Globo e a espetacularização do jornalismo promovida nesta rede, que invisibiliza e desqualifica o debate do racismo. “Onde estão as mulheres negras na política sindical?”, questionou Cleidiana. Para ela, as entidades ainda reproduzem o racismo estruturante de toda a sociedade. As fake news, os memes e as paródias também foram pautadas na intervenção de Cleidiana. Ela destacou ainda que o número de usuários de WhatsApp no Brasil já ultrapassa 120 milhões.

Pautando itens como: os efeitos da Reforma Trabalhista para as mulheres negras, a luta pela PEC das domésticas e as políticas de ações afirmativas, cada vez mais escassas, **Vilma Reis** defendeu que o racismo e a misoginia são as principais contradições do Brasil. Segundo ela, a disputa da narrativa é essencial e a comunicação sindical deve buscar se reinventar para “traduzir” as pautas que atingem os trabalhadores. “Menos texto, letras grandes, jograis, murais, imagens”, sugeriu. Vilma reforçou a importância de não se confundir diante de determinados acontecimentos, e compreender o conhecimento enquanto instrumento de libertação.

Lembrando que temas como gênero e raça não eram pautados em eventos nacionais, **Ângela Guimarães** iniciou sua intervenção traçando um panorama histórico do trabalho no Brasil. Ela destacou que mais de oito milhões de seres humanos foram subjugados desde o século XVI e o fim jurídico da escravidão não representou a libertação. Luciana lembrou que o campo contra-hegemônico radical não tem o direito de reproduzir as narrativas das elites financeiras e da burguesia.

## Mesa 5: “A luta pela democratização da mídia e pela neutralidade de rede. O que os sindicatos têm a ver com isso?”

**Márcio Patusco** (Conselheiro do Instituto Telecom), **Leandro Fortes** (jornalista da EBC e ex-jornalista do Correio Braziliense e O Estado de S.Paulo) e **Renata Mielli** (Coord. Geral do FNDC). A mesa foi mediada pelo jornalista Jelber Cedraz.

Os três palestrantes abordaram de maneira muito similar o tema da neutralidade de rede, que significa a não existência de algoritmos que amplifiquem ou neutralizem temas por questões políticas.

A comunicação é diferente entre internet, TV e rádio. Essa diferença se dá pelas camadas divisórias de cada plataforma: na televisão e no rádio, onde existem concessões e uso de espectro eletromagnético/ondas de rádio limitados, quem oferece a infraestrutura para a circulação de conteúdos não é o mesmo ente que produz a estrutura; na internet isso não ocorre, o que acarreta em maior liberdade do emissor da informação.

Exemplos de quebra de neutralidade da rede são pacotes de dados gratuitos para uso de redes específicas (Facebook e Twitter, por exemplo) em detrimento de outras (um App de um sindicato). Aplicações de conteúdo, como ofertas de Globoplay, também servem como exemplificação.

A TV Digital, que trouxe consigo o cancelamento do sinal analógico, foi citada como uma barreira para a comunicação popular, visto que para se transmitir nela é necessário também produzir o conteúdo em formato digital. Com uma produção mais encarecida, a falta de recursos pode inviabilizar canais.

A experiência da TVT foi citada, sob a afirmação de que a mesma precisa de maior divulgação.

Por fim, a dominialidade do conteúdo produzido, com exemplos de que os materiais que lançamos em redes sociais (Facebook e Instagram, por exemplo) deixam de ser nossos; e a necessidade de participação da sociedade nas audiências públicas para concessões também foram pontos de abordagem e análise.

## Mesa 6: “As mídias alternativas na luta de classes. A comunicação no enfrentamento à mídia hegemônica e ao genocídio das minorias”

**Laura Capriglione** (Coletivo Jornalistas Livres), **André Santana** (Portal Correio Nagô) e **Kívia Carneiro** (Programa de Comunicação do Mov. de Organização e Comunicação Comunitária - MOC). A mesa foi mediada pela jornalista Clarissa Peixoto do Sindprevs/SC.

**Laura Capriglione** apresentou diversos elementos da conjuntura, como os ataques da política neoliberal (investidas contra a Petrobras, reformas, etc) e a permanência da liderança de Lula nas pesquisas eleitorais, mesmo estando preso há mais de 50 dias. Lembrando a relevante atuação das mídias negra, feminista e LGBT, e a importância da atuação em rede na comunicação sindical, reforçou a necessidade de utilização de diversas linguagens na difusão das mensagens. “As expressões da faceta multidimensional e diversificada dos brasileiros também devem ter espaço na comunicação: a música, o teatro, a periferia, não apenas pautas políticas”. O caso de Amarildo,

trabalhador torturado e executado pela polícia em 2013, e a atuação da mídia alternativa, que pressionou a mídia corporativa com o forte questionamento “Onde está Amarildo”, foi comentado por Laura. Abordando a atuação nas redes sociais, ela chamou atenção para postura rígida e voltada demasiadamente para política que diversas vezes predomina: “vamos deixar de ser chatos na rede social por que na vida não somos chatos”, ressaltou. “O manual de redação da Folha já era, o momento agora é de reproduzir a multiplicidade da população brasileira, usando as redes também para ouvir, não apenas para transmitir notícias”.

**André Santana** pautou as possibilidades de enriquecer o movimento contra-hegemônico a partir do debate sério e aprofundado das questões raciais. Ele comentou o histórico de iniciativas como o Instituto de Mídia Étnica, uma organização da sociedade civil que realiza projetos para assegurar o direito humano à comunicação e o uso das ferramentas tecnológicas pelos grupos socialmente excluídos, especialmente a comunidade afro-brasileira. A experiência com a participação de jovens produzindo conteúdo de diversos locais do nordeste também foi destacada por ele, ao pautar o Portal Correio Nagô. Ele criticou a formação dos jornalistas, denunciando a resistência de universidades (públicas e particulares) e a falta de espaço e apoio para o debate acadêmico de igualdade racial.

**Kívia Carneiro** apresentou o Mov. de Organização e Comunicação Comunitária, com 50 anos de história. A atuação junto à comunidade, pautada na escuta atenta das demandas e das pessoas, junto às rádios comunitárias (a implementação as chamadas rádios-poste), inclusive em zonas rurais e quilombolas, foi comentada por Kívia. Ela mostrou imagens e relatos da realização de diversas oficinas, e a dinâmica de aprendizado entre comunicadores e as comunidades “Milhares de pessoas tem histórias para contar, como podemos dar espaço para elas? Rádios comunitárias, boletins, vídeos, as redes sociais”. Ela destacou ainda a necessidade de compreender e trabalhar a comunicação como direito e a relevância da criatividade para trazer novos olhares para o jornalismo “A gente tem que mudar as linguagens, validar as falas dos protagonistas das histórias verdadeiras”, ressaltou.

#### **4º Encontro Nacional de Jornalistas Sindicais**

**Mesa: A Reforma Trabalhista – Na prática, quais ataques estão impactando a categoria de jornalistas?** **Jorge Lima** – Presidente da Associação Baiana dos Advogados Trabalhistas (ABAT) e **Maria José Braga** – Presidenta da Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ).

Durante a manhã de sábado, o debate foi direcionado aos impactos da Reforma Trabalhista no campo do jornalismo sindical. A denúncia da demissão de jornalistas que inclusive eram dirigentes sindicais também foi debatida pelos participantes neste momento.

**Intervenção, troca de experiências e propostas: condições de trabalho nas assessorias sindicais**

No período da tarde, na roda de conversa entre profissionais, apresentamos a experiência recente com a realização do I Encontro de Comunicação Sindical do SINASEFE (ECOS). O combate ao assédio moral no sindicato, pautado na 1ª reunião da gestão 2018-2020, também foi lembrado neste momento. A multiplicação da quantidade de participantes ligados ao SINASEFE no Seminário Unificado, saltando de quatro na última edição para 28 na 6ª edição, também foi destacada.

Semelhante às edições anteriores, os profissionais de comunicação aprovaram uma carta do evento, disponível abaixo:

### **CARTA DE SALVADOR - 4º Encontro Nacional de Jornalistas Sindicais**

*Reunidos em Salvador, durante o 4º Encontro Nacional de Jornalistas Sindicais, os profissionais que compõem as diversas áreas da comunicação sindical no Brasil reafirmam seu compromisso com a construção de uma imprensa de qualidade, voltada aos interesses dos trabalhadores e estruturada do ponto de vista material e humano para enfrentar os desafios colocados diariamente pelos ataques do capital.*

*Uma imprensa sindical de qualidade, no entanto, só será possível com o compromisso e o engajamento das lideranças sindicais que representam a base de suas categorias em suas respectivas entidades de classe (centrais, confederações, federações e sindicatos), no sentido de garantir aos comunicadores por eles contratados o respeito à regulamentação da profissão, a valorização e as condições materiais e humanas imprescindível ao exercício de suas atividades cotidianas.*

*Dessa forma, na linha do que já vinha sendo acumulado em encontros anteriores, o 4º encontro de jornalistas sindicais, realizado em Salvador/BA, no dia 2 de junho de 2018, se manifesta:*

- 01. Pelo fim das práticas de assédio (moral e sexual) cada dia mais frequentes dentro das entidades sindicais.*
- 02. Pela defesa do emprego e pelo fim das demissões, realizadas na maioria das vezes de forma arbitrária e sem qualquer transparência junto à base das categorias.*
- 03. Pelo fim das perseguições aos jornalistas sindicais que trabalham no jornalismo contra-hegemônico e/ou veículos independentes.*
- 04. Por condições dignas de trabalho de jornalista, equipamentos profissionais adequados às funções do jornalismo e demais áreas da comunicação sindical, assim como o uso obrigatório de Equipamento de Proteção Individual (EPI) na cobertura de manifestações e outros espaços de risco físico. Pela qualificação do fazer jornalístico, com o fim do teletrabalho, da PJotização, das terceirizações, do acúmulo de funções, da multitarefa, da hiperconectividade e pelo direito à desconexão.*
- 05. Pelo cumprimento da carga horária regulamentar dos jornalistas de 5 horas diárias (artigo 303 da Consolidação das Leis Trabalhistas – CLT) ou, ainda como prevê a Lei, com a possibilidade mediante acordo individual por escrito, da elevação para 7 horas, desde que haja a remuneração adequada dessas horas excedentes, respeitando ainda o intervalo intrajornada (artigo 304 da CLT). Pelo fim das horas extras excessivas, situação que tem agravado dia após dia a saúde desses trabalhadores, com inúmeros casos de licença por LER/DORT.*
- 07. Pelo respeito ao piso salarial estadual dos jornalistas e pela valorização da carreira, com a implantação de Planos de Cargos e Salários nas entidades.*
- 08. Pela realização de Encontros setoriais de comunicação, a serem promovidos pelas entidades estaduais e nacionais, com o objetivo de articular e qualificar a atuação política e profissional de seus comunicadores.*
- 09. Pelo fim da exploração do trabalho de estagiários, garantindo seus direitos mínimos e uma remuneração adequada, a partir do entendimento de que o estágio é uma etapa do aprendizado acadêmico e não a mera possibilidade de um trabalho de baixo custo.*
- 10. Pela realização de campanhas nacionais e estaduais, com orientações às entidades sindicais sobre a necessidade de respeito aos direitos dos jornalistas.*
- 11. Pelo fortalecimento das entidades representativas dos jornalistas e dos trabalhadores em entidades sindicais, sobretudo com o aumento do número de filiações.*
- 12. Pelo estímulo à criação de Coletivos de Jornalistas Sindicais, em nível nacional, estadual e local.*

Salvador, 2 de junho de 2018

Os participantes do SINASEFE também aprovaram a seguinte carta:

### **Carta de Salvador: Por uma Comunicação de qualidade para o Sinasefe!**

Os coordenadores, diretores e profissionais de comunicação das Seções Sindicais e da Direção Nacional do Sinasefe, presentes no 6º Seminário Unificado de Imprensa Sindical, realizado em Salvador, nos dias 31/05 e 01/06/2018, compreendem o papel estratégico da comunicação na luta de classes e a necessidade de fortalecer a imprensa dos sindicatos para barrar os ataques do capital.

Com uma participação histórica do Sinasefe no 6º Seminário Unificado, compondo uma delegação formada por 28 dirigentes e profissionais, as reflexões acumuladas ao longo de dois dias de intensos e produtivos debates só comprovam o acerto da realização do 1º Ecos, em setembro de 2017, bem como das propostas lá aprovadas.

Para que esses debates possam ter continuidade, é necessário que as proposições do 1º Ecos (Encontro de Comunicação do Sinasefe) sejam encaminhadas para debate e deliberação em um fórum da entidade nacional.

Nesse sentido, os abaixo assinados vem solicitar à Direção Nacional do Sinasefe o encaminhamento (para apreciação e votação) das resoluções do 1º Ecos à 155ª Plena.

Salvador, Bahia, 1º de junho de 2018.

### **6º Seminário Unificado de Imprensa Sindical** *Rumo ao 2º Ecos*

*Alane Pereira – dirigente – Sindsifpe*

*Ana Paula Cruz – profissional – Sinasefe Natal-RN*

*Cleiton Mariano – dirigente – Sindisifpe*

*Danilo Santos – profissional – Sinasefe Sertão  
Pernambucano*

*Ésio Melo – profissional - Sintietfal*

*Flávia de Carvalho – dirigente – Sindscope-RJ*

*Jane Miranda – dirigente – Sindsifpe*

*João Moura – profissional – Sinasefe IFC*

*Kyanny Pompílio – dirigente – Sinasefe IFSC*

*Levi de Castro – dirigente – Sinasefe Ifes*

*Luciano Faria – profissional – Sinasefe IFSC*

*Lucrecia Iacovino – dirigente – Sinasefe*

*Luísa Guedes – dirigente – Sindscope-RJ*

*Marília Matsumoto – dirigente – Sintietfal*

*Mário Júnior - profissional - Sinasefe*

*Matheus Santana – dirigente – Sinasefe-IFBA*

*Michelangelo Torres – dirigente – Sinasefe*

*Monalisa Resende – profissional - Sinasefe*

*Monique de Oliveira – dirigente – Sinasefe Natal-RN*

*Nise Santos – profissional – Sindsifpe*

*Rejane Nogueira – profissional – Sindscope-RJ*

*Rita de Cássia – profissional – Sinasefe Natal-RN*

*Rosângela Freitas – dirigente - Sindscope -RJ*

*Saulo Campos – dirigente – Sinasefe-IFBA*

*Taiane Volcan – profissional – Sinasefe IFSul*

*Tatiane da Silva – profissional – Assines*

*Thayná Martiniano – profissional – Sintietfal*

*Weslei Gomes – profissional – Sinasefe IFBA*